

Vanguarda Socialista

ANO II Sexta-feira, 20 de Junho de 1947 N. 95 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
Redação: AV. PRES. ANTONIO CARLOS, 207 — 3.º ANDAR — SALA 302 • Diretor: MARIO PEDROSA

NESTE NÚMERO:

A CRISE FRANCESA, Bahla — ES MUITO SUJO, BORGHİ PARA FAZER COMPANHIA A LASKI!, Hilar Leite — AS PRINCIPAIS LIÇÕES DO PERÍODO ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS, Julian Gorkin — A ALEMANHA E O FUTURO DA EUROPA (II), Heinrich Leder — NOTAS.

Sai às 6as-feiras — Cr\$ 0,50

A politica operaria em face da crise

MARIO PEDROSA

— I —

Os jornais estão cheios de publicações pagas em que os tubarões dos lucros extraordinários procuram mostrar que a salvação do povo está na desvalorização da moeda e no prosseguimento da inflação.

O ex-ditador, tirando a máscara, revelou-se o que na verdade sempre foi: um laçador dos magnatas da indústria. Instrumento dos Simonsen, Mattarazzo & Cia., Vargas quer é dinheiro; sonha ainda em voltar ao poder para tornar os lucros ainda mais extraordinários; a título de consolo deixará cair, então, algumas migalhas para os trabalhadores, mas reabrirá as cadeias, de par em par, para quem não gostar.

Fiados na ajuda do ex-ditador, os industriais de S. Paulo ameaçam até de fechar as fábricas; já começam mesmo a lançar mão do lock-out, numa cínica violação das próprias leis sociais vigentes. O plano deles é fazer medo ao Governo, a fim de obrigá-lo a voltar atrás e abrir de novo a torneira dos créditos. Dessa forma os piratas continuarão a beber ali a vontade enquanto os preços continuarem a subir indefinidamente.

grita em defesa da inflação; os especuladores querem, por força, fazer crer aos operários que o interesse destes está também no encorajamento inflacionista. Vejam — dizem os tubarões com ar inocente, — a política atual do Governo vai nos obrigar a fechar as fábricas, e, dessa forma, vocês vão ficar na rua sem emprego.

Eis aí uma verdadeira chantagem. O objetivo é conseguir que os operários sigam atrás dos industriais. Mas tudo não passa de demagogia. O proletariado não tem que tomar o partido dos tubarões da indústria contra o atual diretor do Banco do Brasil ou com este contra aqueles. Ambos defendem interesses puramente capitalistas: são brancos; nenhum deles tem qualquer preocupação de defender as massas trabalhadoras.

De qualquer modo, porém, a classe operária tem de estar alerta contra as ameaças que sobre ela pairam. A primeira dessas ameaças é, com efeito,

a do fechamento de fábricas, a pretexto de que a política governamental de retração de créditos para favorecer os importadores não permite que as mesmas continuem abertas. Os pobres industriais não podem viver sem lucros extraordinários; sem aqueles ganhos fabulosos em que o capital social triplica num ano, como já tem acontecido. (A Borghi por exemplo). Se essa proeza não continuar, então, os beneméritos patriotas cerrarão as portas.

E dizer-se que a Tribuna Popular sai a campear para exaltar, com pena desses pobres tubarões, — Coitados! Os jornais comunistas, com efeito, abrem num berreiro horrível em defesa dos pobres magnatas que se acham na iminência de não poder mais continuar embolsando centenas de milhares de contos por ano, ou sejam, muitas de-

zade, através de greves e paralizações sucessivas, dirigidas pela C. G. T., dominada pelos comunistas. Paralizava-nos, então, a perspectiva da guerra civil em França. Não ousávamos acreditar possível que a palavra de ordem de liberalismo econômico fosse tomada, no momento, no sentido de um rompimento efetivo com tal política de governo que o Partido Comunista vinha seguindo. Raciocinávamos que um

partido com a sua força não poderia manter-se por muito tempo na oposição, sem colocar o problema do poder, isto é, abrindo, nas condições atuais da crise francesa, a perspectiva de uma guerra civil com intervenção estrangeira; o que poderia significar o sacrifício prematuro, por parte da Rússia, de seu maior instrumento de ação imperialista na Europa Ocidental.

Os atuais acontecimentos, portanto, significam um aumento de salários e, do ponto de vista camponês, significa aumento dos preços agrícolas, tabelados pelo governo. Com este jogo inflacionário, contraditório e demagógico, o Partido Comunista procura ganhar terreno a custa da impopularidade dos partidos que compõem o governo: o Partido Socialista e o M. R. P.

Aparecia assim a palavra de ordem desligada dos atuais movimentos da estratégia russa, nos Balcãs, na Itália e na própria França, isto é, ela surgia como uma tática ocasional sem ligações com a estratégia interna-

cional russa, como uma manobra político-eleitoral de limites puramente nacionais, e sem significado, por isso mesmo, a política revolucionária de rompimento definitivo com a política do atual governo francês.

Esta omissão em que ocorremos fez com que fossemos apanhados de surpresa, quando a virulência da crise entrou a se manifestar em toda a sua plenitude atual. Não presentimos o verdadeiro significado da palavra de ordem de liberalismo econômico, lançada pelos comunistas ao deixar o governo. Esse significado só surge com uma análise da posição da França na luta super-imperialista.

Diziamos então, que "a palavra de ordem de liberalismo econômico é uma manobra tática que, do ponto de vista operário, significa aumento de salários e, do ponto de vista camponês, significa aumento dos preços agrícolas, tabelados pelo governo. Com este jogo inflacionário, contraditório e demagógico, o Partido Comunista procura ganhar terreno a custa da impopularidade dos partidos que compõem o governo: o Partido Socialista e o M. R. P."

Aparecia assim a palavra de ordem desligada dos atuais movimentos da estratégia russa, nos Balcãs, na Itália e na própria França, isto é, ela surgia como uma tática ocasional sem ligações com a estratégia interna-

cional russa, como uma manobra político-eleitoral de limites puramente nacionais, e sem significado, por isso mesmo, a política revolucionária de rompimento definitivo com a política do atual governo francês. Esta omissão em que ocorremos fez com que fossemos apanhados de surpresa, quando a virulência da crise entrou a se manifestar em toda a sua plenitude atual.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

A CRISE FRANCESA

A crise política francesa, depois que escrevemos o nosso primeiro artigo de análise, assumiu uma virulência inesperada, por a termos considerado, sob o ponto de vista dos seus fatores puramente nacionais. E se bem que tocássemos ligeiramente nos fatores supra-nacionais da reconstrução francesa em relação à posição dos partidos, deixamos de lado as injunções das forças imperialistas que atuam sobre o continente europeu. Por isso mesmo, não aprofundamos devidamente a análise da crise nem abrimos caminho para a compreensão de sua vir-

lência atual. Não presentimos o verdadeiro significado da palavra de ordem de liberalismo econômico, lançada pelos comunistas ao deixar o governo. Esse significado só surge com uma análise da posição da França na luta super-imperialista.

Diziamos então, que "a palavra de ordem de liberalismo econômico é uma manobra tática que, do ponto de vista operário, significa aumento de salários e, do ponto de vista camponês, significa aumento dos preços agrícolas, tabelados pelo governo. Com este jogo inflacionário, contraditório e demagógico, o Partido Comunista procura ganhar terreno a custa da impopularidade dos partidos que compõem o governo: o Partido Socialista e o M. R. P."

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Contra a intervenção no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais!

Quando o governo resolveu intervir nos sindicatos que haviam contribuído para a Confederação dos Trabalhadores do Brasil, excluiu de tais medidas o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de M. Gerais.

Os dois representante do sr. Morvan na Conferencia Internacional do Trabalho

Foram designados para ir a Genebra participar da Conferencia Internacional do Trabalho dois burocratas sindicais bem conhecidos: Parmigliani, da Federação dos Empregados no Comércio, e Sindulfo Pequeno, o amarelo que sempre achou que a Light não ganha para pagar salários melhores aos trabalhadores.

É preciso contar a história dessa designação. O ministro Morvan Figueiredo mandou que a "Confederação do Trabalho do Brasil" escolhesse um representante. Reuniram-se os bonzos nisterialistas e, em família, sem nenhuma determinação dos sindicatos, escolheram o Parmigliani. Sindulfo começou a brigar, a dar por paus e por pedras. O Calixto Ribeiro Duarte, o aprobeitador da Confederação dos Empregados no Comércio, também deu para brigar, porque queria ser o escolhido. Iniciou-se então uma tenaz "luta" no gabinete do ministro, com intrigas e outras coisas de que são capazes os burocratas sindicais amarelos, que se fazem prestigio-

ES MUITO SUJO, Borghi, para fazer companhia a Laski!

Borghi rompeu com Getulio Vargas e foi expulso do P. T. B. juntou os seus partidários e fundou o Partido Popular Trabalhista, entrando em entendimentos com o senador Vitorino Freire e o deputado Eurico de Sousa Leão para organização do Partido Social Trabalhista. Depois, sem que se saibam ainda os motivos, entrou em conversações com os funcionários do Ministério do Trabalho, que criaram o Partido Trabalhista Nacional, tendo o P. P. T. de Borghi e o P. T. N. de Negrão de Lima resolvido fundir-se e fazer um embaralhamento de letras, fundando o Partido Trabalhista Popular.

É muito fácil para Borghi, Negrão de Lima, Berto Condé, Decio Parreiras e todos os "petetistas" e "petenistas" entrarem em cambalachos. As idéias, o programa, a finalidade de nada valem. O que manda, o que tem importância são interesses personalistas políticos, leitais dos "líderes" "petetistas". Esses se juntam e se separam à vontade, com toda a facilidade, pois não se sentem freados. Um pouco de demagogia basta para encobrir os verdadeiros intentos políticos e pessoais reais dos Borghi, dos Negrãos, dos Condés etc. A legislação trabalhista e a política governamental de submissão das classes trabalhadoras facilitam as tarefas desse bando de aventureiros que quer explorar politicamente o proletariado.

Borghi é o mais audacioso e o mais cínico de todos. Tem a desfaçatez desse aventureiro, tornado grande capitalista à custa das negociações do algodão, à custa da proteção do ditador e do estranha silêncio do atual governo, de declarar que ele "é quem encarna no Brasil o trabalho, que é encaçado na Grã Bretanha por Laski". O rato do algodão, o homem de negócios escusos, cuja vida peggresa é cheia de acidentes, que nunca se dedicou a qualquer

programa, a qualquer idéia, leva a sua imorabilidade a assemelhar-se a Laski, que, apesar de todas as divergências que nos possam separar no campo das idéias, é um homem limpo, decididamente dedicado à defesa das idéias do seu partido, a que é fiel há muitos anos e não procura transformá-lo em trampolim para seus negócios particulares.

Borghi alia ao cinismo a maior ignorância. Fala de trabalhismo, como um conjunto de idéias, mas nada sabe da ideologia de Laski. A ignorância de Borghi

(Continua na 2ª pag.)

UMA NOVA ALGEMA: a lei do descanso semanal remunerado

Os dois projetos de lei regulando o descanso semanal remunerado, tanto o de autoria da comissão do Ministério do Trabalho como o da Comissão de Legislação Social da Câmara dos Deputados, pecam pela base, tornando-se por isso prejudiciais aos interesses dos trabalhadores, porque condicionam a remuneração do descanso semanal e dos dias feriado à assiduidade do trabalhador no emprego. Esse condicionamento destruiu inteiramente o inciso constitucional, pois tudo leva a crer que o espírito que presidiu a sua adoção foi o de beneficiar concretamente às classes trabalhadoras.

O espírito do legislador era o de sua auto-aplicação, como o entenderam diversas juntas, sendo necessário uma forte pressão do patronato e de seus advogados para levar o Superior Tribunal do Trabalho a determinar que as juntas deixassem de opinar sobre a matéria, até que a lei ordinária regulasse a matéria. Para tal decisão teve influência decisiva a ação do fa-

tubarões contra outro de piratas. Aliás, a crise que se aproxima não é obra de Dutra ou de quem quer que seja. É obra das leis da economia capitalista. Chegou, simplesmente, a hora prevista de saturação de mercados, de mudança do ciclo expansivo para o depressivo. Chegou o momento da quebra de potes no reajuste inevitável da deflação.

Em meio à derrocada, o operariado só pode contar consigo mesmo. Sua preocupação deve ser a de defender a única "mercado-ria" de que, nesse regime, ainda possui e dispõe para "vender": a sua força de trabalho. Escutemos o velho Marx, falando em 1865: "Durante a fase de baixa dos preços do mercado e a fase de crise e estagnação, o perário, quando não perde o emprego, pode estar certo de que vem uma rebaixa de salários. Para não se deixar enganar, será preciso, mesmo em caso de semelhante baixa dos

(Continua na pag. 2)

lecido Oséas Mota, cuja ganância anti-proletária era bem conhecida.

Determinando a obrigatoriedade do cumprimento do horário semanal, os dois projetos praticamente dão todas as facilidades aos capitalistas para recusar o pagamento do dia de descanso ou do feriado, pois a lei deixa tudo, de fato, ao arbítrio patronal.

O infeliz sr. Morvan Figueiredo, em entrevista concedida aos jornais; referindo-se à inclusão dos trabalhadores agrícolas, teve a coragem de dizer que tal foi feito "com o objetivo de estimular o trabalho agrícola fixando definitivamente o homem ao solo" e que também foi o governo "movido mais por motivos de ordem econômico-social e de estrita justiça, do que propriamente por imperativos que sejam decorrentes do mandato constitucional".

Expressa o ministro da Indústria e do Comércio as duas opiniões dominantes no seio do capitalismo acerca da legislação (Continua na 2ª pag.)

A política operária em face da crise

(Continuação da 1.ª pág.)

preços do mercado, lutar com o capitalista para saber em que proporção uma diminuição dos salários pode chegar a ser necessária.

E de sua análise sobre o mecanismo dos Preços e Salários, Marx chegava à conclusão de que o salário está, sempre, inevitavelmente, em luta com o Capital. O operário, ensinava ele, deve sempre resistir ao capitalista; a condição do trabalho, isto é, — enquanto o trabalho for considerado uma mercadoria, e o será enquanto existir o regime capitalista, — é a de uma luta constante em face do capital. E arrematava: "Essas ligeiras indicações bastam para demonstrar que precisamente o desenvolvimento da indústria moderna faz pender cada vez mais a balança em favor do capitalista contra o operário e que, por conseguinte, a tendência geral da produção capitalista não é de elevar o salário médio, e sim de reduzi-lo, quer dizer, de reduzir mais ou menos o valor do trabalho ao seu limite mais baixo. Mas se tal é a tendência das coisas do regime atual, quer dizer, então, que a classe operária deva renunciar à sua resistência contra as transgressões do Capital e abandonar os seus esforços para arrancar, nas ocasiões que se apresentem, tudo que possa trazer alguma melhoria à sua situação? Se assim fizesse, ver-se-ia ela reduzida a uma massa informe esmagada, de séres famélicos aos quais não se poderia mais vir em auxílio; suas lutas por salários normais são incidentes inseparáveis do sistema do salarido em conjunto; em 99 por cento dos casos seus esforços para elevar os salários não passam de tentativas para conservar o valor do trabalho; a necessidade de disputar com o capitalista o preço daquele valor é inerente à própria condição de operário, forçado a se vender ele próprio, como mercadoria. Se a classe operária recusasse, em seu conflito cotidiano com o Capital, ela mesma — é que estaria a privar-se da possibilidade de empreender tal ou qual movimento de maior envergadura".

E aqui termina a longa citação de Marx, que parece ter sido escrita para os operários brasileiros nesse ano que não é de graça de 1947. A luz dessa citação, ficam bem expostos a traição de classe e o oportunismo aventureiro de Prestes e seu partido que só para combater Dutra se aliam com os inimigos cotidianos, naturais, dos operários. O problema destes últimos é disputar com os patrões, o palmo, o valor de seu trabalho. E impedir que venham eles a pagar o custo da crise, que apenas se inicia.

Segundo os conselhos de Marx, os trabalhadores não querem ser enganados. Querem, por isso

Premios Stalin de 1946

De Moscou noticiam haver o Conselho de Ministros da U. R. S. S. revelado os distinguidos com os "Premios Stalin" de 1946 que, como se sabe se distinguiram a "incentivar" vários setores da atividade (invenções, aperfeiçoamentos de métodos de produção, obras de arte e literatura, etc.).

Entre os distinguidos com um dos prêmios, cujo total se eleva a cerca de 20.000 rublos (Cr\$ 300.000,00 em nossa moeda), acha-se o vice-ministro do exterior, Andrei Vishinski, por sua colaboração nas ciências jurídicas.

E's muito...

(Continuação da pág. 1)

é imensa e maior ainda a de seus mentores intelectuais, que não o alertaram das diferenças existentes entre o trabalho bilitânico, um complexo de ideias socialistas, baseado no importante trabalho da Sociedade Fabiana, e o "trabalhismo" borghista, sem princípios, baseado apenas nos apetites e nas negociações do beneficiário dos negócios do algodão.

O aventureiro Borghi, aprendiz de demagogo totalitário, encarna de fato a época das negociações sujas da ditadura getuliana e é uma excrescência que ainda permanece no campo democrático do Brasil, porque o general Dutra resolveu dar-lhe um estranho "bill" de indenidade.

Hilcar Leite

mesmo, saber o que se passa lá dentro no segredo dos negócios. Fechar as fábricas? Nada disso: ao contrário, deixá-las abertas.

Como? Diminuindo as horas de trabalho sem rebaixa de salários; forçando os industriais a empregar os lucros excessivos não em cavalos de raça, e em bancos privados, em fazendas de recreio, em arapucas diversas, mas no reaparelhamento das próprias fábricas, para que aumente a produtividade do trabalho.

Na realidade, têm esses industriais vivido até hoje da exploração intensiva da jornada de trabalho. Os seus lucros extraordinários provinham de duas fontes: do monopólio do mercado interno substancialmente ampliado para o exterior, em virtude da guerra e do gozo ininterrupto da mais-valia absoluta, (resultante do prolongamento máximo do tempo de trabalho e

GREVE DE TRANSPORTES EM BRUXELAS

Os trabalhadores dos serviços de bondes urbanos e interurbanos fizeram uma greve de 24 horas, em virtude de o governo se haver recusado a atender aos seus pedidos de aumento de salários, enquanto não fossem ultimadas as discussões que, num âmbito nacional e geral, terão início dentro em pouco.

numa base técnica primária e imutável).

No entanto, como um paradoxo econômico bem significativo da super-exploração do trabalho, o montante do capital variável, das somas empregadas em salários nas fábricas têxteis não vão muito acima de um quinto ou no máximo de um quarto do capital total anual.

Na realidade, a composição orgânica do capital deve ser muito mais baixa do que aparece assim pela contabilidade a priorística do capitalista. Por essa contabilidade a porcentagem do capital variável em relação ao constante é muito mais baixa do que na realidade; pois como em toda indústria que vive sobretudo da exploração da mais-valia absoluta não foi o capital constante que cresceu em proporção ao variável que diminuiu, mas antes o contrário é que se deve ter dado.

Em todo caso, essa contabilidade invertida das empresas capitalistas nos revela o extremo trabalho. Os industriais procuram, com efeito, inflar quanto podem o valor do capital constante afim de encobrir a excessiva parte do trabalho na contribuição da mais-valia e do lucro. A baixa porcentagem do variável é assim um indicio de quanto os salários estão ainda hoje, abaixo da normalidade, ape-

sar de não ser "calculado" pelo industrial em mais de 20 ou 30% do capital total anual. Na realidade, o salário do operário industrial está, em relação à elevação astronômica dos lucros, muitas e muitas vezes abaixo do que devia ser num regime menos privilegiado de exploração capitalista!

E' aqui que se pode ver em toda a sua significação a mistificação do salário mínimo concedido pelo ex-ditador. Como sempre sustentamos, esse salário mínimo foi, no fundo, o meio que a ditadura encontrou para amarrar o salário, impedindo-o que se elevasse como devia ter-se elevado, muitas vezes, durante a fase de ascensão de mercado, na fase das vacas-gordas. O resultado é que, agora, como a classe operária não lutou, como devia ter lutado, naquele tempo, por um aumento constante de salários, encontra-se presa ao posto de sacrifício atual, isto é, a famosa invenção ditatorial de um mínimo de salário, quando se tratava de um máximo.

Tivemos, assim, essa beleza: Operários a trabalhar até 96 horas por semana, ou sejam 16 horas ao dia, na base de uma tarifa que não permitia aos mesmos acompanharem, e embora muito por longe, a curva ascensional dos lucros. O resultado

foi uma jornada máxima de trabalho, com um máximo de lucros, para um mínimo de salários. Eis a que se reduziu a famosa "obra social" de Getúlio Vargas!

Toda a obra da ditadura consistiu, no fundo, em conservar o valor do trabalho ao nível mais baixo. O próprio "salário mínimo" não foi, nem é sequer respeitado na mais importante das indústrias, como a têxtil. Realmente, os operários em tecidos em bloco recebem um salário médio abaixo dos oitocentos cruzeiros mensais que é o mínimo estipulado. Há nas fábricas têxteis, mil e um modos de evitar o seu pagamento integral. Basta, por exemplo, que na secção de teares um tecelão, que em geral

Protesto dos mineiros norte-americanos

O órgão do Sindicato dos Mineiros declarou há dias que "parece que vamos entrar num decênio industrial, atormentado política e economicamente, a menos que a suprema corte declare inconstitucional a nova lei anti-trabalhista". Chama ainda a lei agora submetida a Truman, de "Lei da Associação Nacional dos Manufatureiros e de Taft-Hartley".

A CRISE FRANCESA

(Continuação da 1.ª pág.)

rém os movimentos da Rússia nos Balcanos, a agitação na Itália levaram-nos a aprofundar a análise. E recordamos então uma proposição de Dallin — "Uma Carta dos nossos arquivos particulares", Caro sr. Thorez, do generalíssimo Staline": — "Parece-nos que há somente um caso em que você seria obrigado a mudar de tática e assumir imediatamente uma ofensiva vigorosa: esse caso seria o do governo francês aderir a uma forte aliança com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos contra a União Soviética — um "Bloco Ocidental" ou coisa semelhante. De outro modo, não se apresse e guarde bem a sua pólvora. Você precisará de pólvora, e muita, no futuro próximo. As coisas mudam depressa atualmente, e a pólvora ainda é uma grande força".

Em outras palavras, Staline aconselharia prudência a Thorez em qualquer hipótese, a não ser no caso em que a França tendesse para o chamado bloco ocidental. As perguntas que se levantam então são as seguintes: Aderiu o governo francês a um bloco ocidental? Já teria chegado, portanto, a hora de "assumir imediatamente uma ofensiva vigorosa?"

Isto nos leva à Conferência de Moscou. São ainda secretos os resultados de conferência que Bidault manteve com Staline, no Kremlin, quando da Conferência de Moscou. Os fatos ulteriores que marcaram as relações russo-francesas trazem, porém alguma luz sobre esses resultados. Depois da conferência, mais se acentuou a tendência do governo francês de aderir ao esquema anglo-americano para a Alemanha. Considera-se, hoje, nos Estados Unidos, inevitável que a França venha a fundir economicamente sua zona de ocupação com as zonas anglo-americanas.

Por outro lado, observou-se um esfriamento do apoio que a Rússia vinha dando às pretensões francesas sobre o Sarre, enquanto que os anglo-americanos passaram as vê-las com mais simpatia. Além do mais, o ponto de vista nacional francês está em conflito com o esquema russo de unificação política da Alemanha, e se coaduna melhor com a solução federalista proposta pelos anglo-americanos.

Mais dois fatores vinham abrindo brechas cada vez maiores entre a política expansionista dos russos e a política nacional francesa. São eles os empréstimos americanos e a questão colonial. Os russos, através dos comunistas franceses, reagem ao caráter político dos empréstimos americanos, que são necessários à reconstrução francesa. Por outro lado, a política colonial francesa na Indochina contraria a política russa no Extremo Oriente.

Esses fatores conjugados sola-

param as relações franco-russas, e desviaram o curso da política exterior francesa cada vez mais para o lado anglo-americano. Nessas condições, a posição dos comunistas franceses ficou esquerda. Não poderiam de maneira nenhuma prestigiar os empréstimos, a política colonial, nem o esquema francês para a Alemanha. O casamento da política do partido comunista francês com os interesses expansionistas da Rússia determinaram o divórcio dos seus objetivos dos objetivos nacionais franceses.

E claro que fatores internos

A Alemanha e o...

(Continuação da 4.ª pág.)

ainda que por pouco tempo. A pressão russa será esmagadora e vastos setores da população alemã — se esta continuar privada de liberdade e de meios de subsistência — procurarão auxílio do leste, que se mostrará generoso em promessas a fim de forçar os Estados Unidos a abandonarem a ocupação.

Essa decisão seria um golpe fatal para a posição mundial da América. A sorte da Alemanha selará a sorte da Europa na luta entre o totalitarismo russo e o capitalismo ocidental. As políticas aliadas podem tentar salvar para sua "esfera de interesse" a parte ocidental da Alemanha, com a transformação do que foi o mais desenvolvido centro industrial da Europa na região mais miserável, povoada por massas desclassificadas, governada e oprimida por um aparelho de política que se terá de apoiar nas metralhadoras e nos gases lacrimogênicos de exércitos estrangeiros. Outros países do ocidente europeu também sofrerão. Terão perdido seu melhor mercado europeu e as possibilidades de escoamento de seus produtos ficarão reduzidas.

Com o desaparecimento da antiga divisão do trabalho, ressurgirá o estreito nacionalismo econômico e a tecnologia decairá. Se a indústria alemã não puder colaborar na reconstrução e na transformação da economia europeia, a decadência social se espalhará para o oeste, e o pauperismo alemão se estenderá pelos outros países ocidentais. As massas de desclassificados crescerão, e terão um efeito desmoralizador que envenenará os remanescentes de movimentos progressistas, correndo todas as classes sociais da Europa. A velha estrutura política de superfície poderá conservar-se por algum tempo — enquanto o capitalismo norte-americano estiver disposto a canalizar dinheiro para as economias deficitárias dos países que têm de servir de contrafor-

ataram também para o rompimento do P. C. com o governo Ramadier. E este aspecto já focalizamos no primeiro artigo. Mas o que parece fora de dúvida é que não haveria rompimento, se os fatores externos não fossem os comunistas a abandonar a coalizão e a prudência que até então vinham seguindo. Prevendo a inevitabilidade de sua exclusão do governo, no debate sobre a política colonial, os comunistas, habilmente, precipitaram o debate sobre a greve da Renault, levando a Ramadier a excluí-los em assuntos de salário e não na

questão colonial. Foi uma habil manobra que fluiu a muitos.

Mas a atitude dos comunistas franceses não corresponde a uma atitude de defesa passiva dos interesses russos na Europa. Ela está sincronizada a contra-otensão russa sobre a Europa. Está entrosada ao golpe de Estado sobre a Hungria, às agitações na Itália e ao movimento de cerco da Alemanha que a Rússia iniciou.

Staline sabe que a melhor defensiva é a ofensiva. A crescente pressão dos Estados Unidos sobre a Europa, à firme atitude americana em Moscou, não cedendo um palmo no terreno das reivindicações russas, Staline, passado o primeiro choque da Doutrina Truman, reagiu e pela forma que estamos presenciando.

A questão central continua a ser a Alemanha. A necessidade inadiável dos russos de entrar no Ruhr e dominar a Europa leva-os a política de risco calculado e de fatos consumados. Para isso, visam cercar a Alemanha, via Húngria, norte da Itália e França.

É claro que arriscam sacrificar com isto o Partido Comunista Francês, mas tudo indica que, para Staline, a Alemanha continua sendo o "itinerário da revolução social". Tendo em vista essas circunstâncias, o panorama da crise francesa surge com uma gravidade muito mais profunda do que seria de se prever, levando-se em conta apenas os fatores internos da crise. A palavra de ordem de liberalismo econômico cheia a pólvora e leva à crise de regime.

As sucessivas greves, as paralizações arruinam a política do governo, dão maior acuidade à crise econômica e terminam por desmoralizar o próprio governo, que ficará no vazio, sem política, sem razão de ser. Uma crise ministerial na França, com a queda do governo Ramadier, abre o caminho para três perspectivas: um governo de coalizão dominado pelos comunistas que, voltando ao poder exigiriam as pastas chaves; ou o retorno de De Gaulle ao poder, com a subsequente reforma da constituição; ou, então, a guerra civil. A relação de forças dirá a última palavra.

De qualquer forma, para os comunistas franceses chegou o momento da "ofensiva vigorosa". Voltando ao poder, eles isolarão a cunha anglo-americana na Alemanha neutralizarão as tendências ocidentais da política exterior francesa, permitindo aos russos negociar em condições favorabilíssimas o tratado de paz com a Alemanha, na próxima conferência de Londres.

Staline com essa política arrisca sacrificar o partido comunista francês, mas o prêmio é a Alemanha e a Alemanha é a Bahia.

toma conta de três teares, não tenha os três em condições de trabalhar (os motivos para tal acontecer são os mais variados e muito frequentes) para que o fabuloso salário mínimo não seja alcançado! O mesmo se passa com as outras secções, sobretudo onde o salário não é por tarifa, mas pago em hora. Na fiação, por seu lado, é muito comum ficar o operário parado sem trabalho durante duas e três horas por culpa exclusiva da empresa; essas horas, no entanto, são descontadas na jornada do trabalhador que assim ao invés de receber por oito recebe apenas por 5 horas. Por esses e outros motivos e processos, calculando-se a soma total dos salários ver-se-á que a média está muito abaixo dos oitocentos cruzeiros mensais da lei.

Não se fala tampouco no fato de que a tendência é para que as mulheres substituam os homens em todas as tarefas. Se em algumas das grandes cidades, como esta Capital ou São Paulo, o salário que se paga ao braço feminino não seja, por via de regra, inferior ao do homem, e mesmo não se dá no resto do país, e sobretudo nas pequenas cidades do interior, onde a mulher é muito mais explorada do que o trabalhador masculino.

E que dizer dos menores, cujo número tende a aumentar, pois, que por toda parte são de mais a mais empregados em todas as tarefas, mesmo as mais perigosas, as quais são por lei reservadas ao homem? Eis aí outros meios de rebaixar o salário médio, — reduzindo ao mínimo possível o valor do trabalho, tal como previa Marx há quase cem anos.

Forçado a uma posição de defensiva desesperada o proletariado não tem de concordar com nenhuma rebaixa de salários, porque na época das vacas gordas não obteve nenhum aumento correspondente. A defesa dos salários atuais, é, pois, uma necessidade absoluta; e resulta de fato triste, mas incontestável, de que na fase de ascensão geral dos negócios, ele não se beneficiou em tempo. Aliás, só depois que a ditadura caiu é que teve ânimo para lutar por algum aumento, e daí umas greves tímidas que os comunistas dirigiram muito mal e sobretudo procuraram explorar para benefício do seu partido, e não para provelto geral dos trabalhadores. Por isso mesmo os seus resultados foram negativos ou insuficientes. Hoje, portanto, a única política possível é a da defesa intransigente do salário, e uma campanha intransigente contra qualquer ideia de fechamento das fábricas. Da próxima vez diremos como.

Os russos restabelecem o campo de concentração de Buchenwald

O Dr. Max Brauer, prefeito de Hamburgo e líder social-democrata, declarou que as autoridades soviéticas restabeleceram o campo de concentração de Buchenwald, onde estão internados, por motivos políticos, 800 social-democratas. Brauer declarou que seu partido, possuindo essa informação, recusou-se a pedir aos russos permissão para funcionar na zona soviética. As autoridades soviéticas reconheceram na zona apenas o Partido da Unidade Socialista, resultante da fusão dos comunistas com os socialistas. As autoridades americanas e britânicas, por sua vez, se recusaram a reconhecer o Partido da Unidade Socialista nas suas respectivas zonas.

UMA NOVA...

(Continuação da 1.ª pág.)

trabalhista: filantropia, mostra da "bondade" dos burgueses para com os proletários, e meio de escravizar os trabalhadores à empresa ao trabalho.

A remuneração do dia de descanso semanal transformou-se de possível benefício às classes trabalhadoras em meio de maior sujeição dessas mesmas classes.

Ambos os projetos são prejudiciais aos trabalhadores. Mas, apesar disso, os bonzos sindicais amarelos vão se preparar para prestar grandes homenagens ao ministro Morvan Figueiredo e aos deputados burgueses reacionários que apoiam todas as exigências dos capitalistas para forçar os trabalhadores a maior sujeição.

As principais lições do período entre as duas guerras mundiais

Julián Gorkin. III

A guerra mundial número dois deu origem a uma crise objetivamente revolucionária, de efeitos profundos e de importância internacional. Esta crise é particularmente profunda na velha e destruída Europa e na maioria das colônias.

A Alemanha, senhora por um momento de quase toda a Europa continental, graças a seu imenso parque industrial e a sua grande potência militar — à sua economia de guerra submetida a uma organização totalitária — foi quase totalmente destruída e arrasada. Seu esgotamento é quase completo.

Sob o pretexto de castigar de maneira exemplar o nazismo agressor — o mesmo que constituía ontem o protótipo abençoado da civilização ocidental contra a barbárie comunista, — as potências vencedoras impuseram a divisão do território alemão em zonas de influência, a paralização quase total de suas fontes de produção e a escravidão de seu povo. Este, que se pretende confundir total e mecanicamente com o regime nazista, parece estar condenado a morrer de fome, frio e inanção. A Europa, materialmente destruída, parece renunciar, assim, pelo menos provisoriamente, ao principal centro para a sua reconstrução. A insensatez vai tão longe, que já se levantam vozes, inclusive entre os oficiais das forças de ocupação, muito mais pelo medo de desesperação e levantes que por um sentimento de piedade.

A situação da Itália não é muito melhor que a da Alemanha, apesar de haver o povo italiano dado múltiplas e patentes provas de sua aversão ao fascismo e de haver sido o mais firme colaborador dos exércitos aliados na derrota de Mussolini. A França foi reduzida à condição de potência de segunda ordem. Sofreu um verdadeiro colapso em suas finanças. Sua marinha e seus transportes internos estão semi-destruídos.

Restam-lhe apenas alguns portos em condições unicamente de prestar-se aos serviços mais urgentes. Apesar de seus recursos naturais serem grandes, sem dúvida alguma ela levará muito tempo para sair de sua situação atual.

A Inglaterra, que aparece como uma das grandes potências vencedoras, na realidade é uma das grandes vencidas desta guerra. Vê seriamente comprometida sua situação financeira e mais que comprometido seu futuro imperial. Parece impossível que possa deter a sua derrocada. A Rússia é um dos países mais afetados pela guerra, aquele que — salvo a Alemanha — sofreu maiores perdas humanas e materiais. Apesar de suas aparências de grande potência, interiormente ela parece reduzida à condição de uma grande impotência. Os problemas que tem que enfrentar são dos mais terríveis. Enfim, hoje mais do que nunca, os países balcânicos e danubianos constituem um verdadeiro vespeiro.

A Europa, em seu conjunto, sem uma grande diferença entre os países vencedores e vencidos, ficou reduzida à triste situação de uma família arruinada e mendicante. Mendiga dos Estados Unidos da América, não já sua salvação, mas os meios mais elementares de subsistência. Na tudo é caos e confusão. Cãos construíam as bases sustentado-econômico e financeiro e confusão política e moral. Com efeito, com suas economias relativamente estáveis desapareceram, na maioria dos países europeus, as velhas formações políticas que constituem as bases sustentadoras do Estado.

Isto responde a uma lógica elementar. As classes e castas diretamente responsáveis pelo nazi-fascismo, pela guerra, pela ruína, não podem merecer a menor confiança de parte das massas populares. A justiça histórica exige sua desapareção total.

Crise objetivamente revolucionária. Crise, segundo tudo indica, sem saída nos quadros do capitalismo. Isto não quer dizer que ela tenha que desembocar forçosamente na revolução triunfante. Poderia conduzir, dada a imensa debilidade do movimento operário, debilidade mais ideológica e tática do que orgânica, a uma série de explosões esporádicas, a movimentos exas-

perados e sem uma verdadeira direção política revolucionária, a uma contínua sucessão de derrotas parciais e de vitórias sem fins construtivos e claros e, finalmente, a uma nova situação contra-revolucionária, ferozmente totalitária, por traz da qual surge a ameaça de uma nova guerra.

Somente os que se deixam levar por frases feitas, por uma mística confusamente revolucionária, os que confundem seus desejos, com a realidade, podem fechar os olhos a este imenso perigo: — Que o fato de que a sociedade capitalista esteja condenada a perecer e que tenha entrado em seu período de putrefação e de agonia, não quer dizer que tenha que desaparecer em um período imediato ou relativamente curto. Pelo contrário, pode dar ainda — e os dará certamente — fortes e convulsos sacolejos, como esses peixes gordos colhidos no anzol e que se sentem condenados à morte. E nem pelo fato de ser o socialismo a única saída lógica, progressista e humana que se oferece à Europa e ao Mundo, poderemos dizer que as forças socialistas, ideológica e organicamente, estejam em condições de superar o capitalismo e de realizar o socialismo. A posição atual dessas forças demonstra justamente o contrário, como veremos mais tarde.

Depois da guerra de 1914-1918, o triunfo da revolução russa e o estado de revolução latente em toda a Europa, pareciam anunciar o fim iminente do capitalismo. Também então a Europa assistiu a uma crise objetiva e profundamente revolucionária. Foi inclusive essa crise, aberta efetivamente pelas revoluções de fevereiro e outubro de 1917 na Rússia — duas etapas, na realidade, de um mesmo processo revolucionário — a que precipitou o fim da guerra. Esse fenômeno não se repetiu na guerra mundial número dois. Mais que um papel revolucionário e internacionalista, as forças de resistência dos diferentes países ocupados pelo nazismo desem-

penharam um papel nacionalista e de colaboração com os exércitos aliados, os quais de libertadores se converteram por sua vez em ocupantes. De acordo com os governos estabelecidos e, na realidade, sob seu controle, sua primeira preocupação consistiu em dissolver as forças de resistência antes que estas pudessem transformar-se em um perigoso fator revolucionário. Essas forças influenciam a situação política atual dos diferentes países, porém não a determinam. O controle efetivo escapou-se-lhes das mãos. A própria Rússia, iniciadora em 1917 do período revolucionário que pôs fim à guerra, pôde salvar-se agora, em sua forma totalitária, graças principalmente ao material aliado, sobretudo ao norte-americano.

A crise capitalista é, sem dúvida alguma, muito mais profunda que depois da outra guerra, pois o desgaste foi incomparavelmente maior. Porém, a crise do movimento operário é, assim mesmo, infinitamente superior agora que então.

Ainda que pareça paradoxal, sobretudo sob o ponto de vista estrito da luta de classes, uma crise é o reflexo e até mesmo o complemento de outra. Com efeito, se a guerra número dois foi possível e se teve tão grande duração e efeitos tão destruidores e mortíferos, isto se deu principalmente graças à grande debilidade do movimento operário internacional. E, por sua vez, se o movimento operário atravessa no momento uma crise tão grave, isto se deve, ao menos provisoriamente, ao debilitamento geral produzido pela grave crise capitalista. Isto não é verdade somente do ponto de vista material, mas inclusive do ponto de vista ideológico e moral. A causa principal disto tudo reside em que o movimento operário não soube desenvolver-se com uma verdadeira independência de classe, apesar de sua luta de interesses com a classe capitalista, no fato de haver tido uma evolução paralela ou em relação direta com a evolução da sociedade burguesa, alimentando-se, na realidade, das migalhas de sua mesa e de sua cultura democrático-liberal. O chamado "interesses gerais" pode mais que o interesse de classe. Escudado naquele, o capitalismo soube sempre servir seus interesses e impor-se às classes

proletárias. Sobretudo durante o período compreendido entre as duas guerras mundiais, que é precisamente o da liquidação do velho liberalismo e da democracia burguesa, é que o grosso do movimento operário demonstrou um espírito maior de adaptação e um maior empenho em salvaguardar os valores liberais e democráticos em plena caducidade. Quanto mais os abandonava a burguesia, mais empenho o proletariado parecia ter em fazê-los seus, em defendê-los. Formado na escola do liberalismo e da democracia burguesa ou sob sua influência, sobretudo a partir da Grande Revolução Francesa, dir-se-ia que não se encontrava com que substituir estes velhos e usados valores. As velhas palavras de "direito", "liberdade", "democracia", "justiça" serviram, duas vezes consecutivas, para arrastar os povos à matança. E em nenhuma das duas vezes os povos realizaram o seu direito, sua liberdade, sua democracia e sua justiça. A rebeldia contra o engano representada pelo bolchevismo por seu ensaio na revolução russa e por sua irradiação internacional terminou por ser um remédio pior que a enfermidade uma vez que introduziu no seio do movimento operário o pior dos sectarismos unido ao pior dos oportunismos, o engano também — outro engano — a imoralidade, o terrorismo inquisitorial, os meios e os fins totalitários. Não é de se estranhar em tais condições a profunda ceise que atravessa o socialismo em suas diferentes tendências, crise da qual tratam de se aproveitar, logicamente, todos os seus inimigos. A grande desventura deles está em que, apesar da crise e da confusão do socialismo, não podem apresen-

tar contra ele nada que se lhe assemelha, nada capaz de evitar sua revalorização, seu encaminhamento e, finalmente, seu triunfo inevitável. Mais adiante trataremos das condições que, a nossa vez, permitirão levar a cabo esta revalorização e este encaminhamento seguro.

O que é positivo e real, em todo caso, é que o capitalismo em seu conjunto, internacionalmente se não o for nacionalmente, conta ainda com enormes recursos e grandes possibilidades, com o hábito do poder e a vontade de subsistir a todo custo. Já temos visto suficientemente o que ele é capaz de fazer para isto. Antes de morrer ele é capaz de fazer perecer sua própria obra de criação, de civilização e de vida. Apesar de suas grandes e profundas contradições, de suas lutas e suas rivalidades, que as leva à manutenção de uma luta surda e permanente entre si, quando não as leva à guerra declarada, não podemos esquecer que diante do perigo da revolução européia e mundial, as grandes potências, da mesma maneira que as potências de segunda e terceira ordem, manterão uma solidariedade de consequente, firme, feroz se necessário, e isto tanto no que diz respeito à revolução socialista nas metrópoles européias, como à emancipação nacional e social de suas velhas colônias. Um e outras, as lutas e as solidariedades, serão alternadas segundo as conveniências. O problema consiste em saber se, apesar de sua solidariedade, seus recursos e sua vontade, o regime capitalista será capaz de superar provisoriamente sua crise e se as classes trabalhadoras do mundo inteiro serão capazes, por sua vez, de superar assim mesmo sua crise e determinar uma solidariedade democrática, popular e revolucionária capaz de conduzir à organização e ao triunfo definitivo do socialismo.

(1) — Do livro: "Europa ante el socialismo e ante la muerte" — Ediciones Mundo. — México, D. F. — 1946.

INFLAÇÃO na economia soviética

O aspecto mais tantalizador da economia planificada russa é a positiva inflação que sobreveio nos últimos meses, inflação essa que tem posto em seria dificuldade a receita oficial do Estado.

Numa economia capitalista, amplamente fundada nas ofertas do mercado, a inflação significa a alta de preços devida aos excessos de pedidos e ao fornecimento insuficiente. É a atividade dos consumidores que cria a inflação. Na Rússia, entretanto, não há economia de mercado; os preços são fixados pela comissão de planejamento, e contudo a economia russa tem enfrentado uma severa inflação, que forçou as comissões de planejamento a admitir que houve sério erro de de cálculo.

A situação se tornou tão séria que a publicação da receita soviética foi adiada por mais de seis meses. O ano orçamentário russo começa a 1.º de janeiro. Contudo, as estimativas de orçamento de receita para 1946 só foram entregues ao supremo soviético, pelo ministro das finanças, Zverev, em meados de outubro isto é, seis meses mais tarde do que em 1945.

No seu discurso ao supremo soviético, Zverev aludiu a um elemento indefinível de inflação de preços e disse que as estimativas da receita dependem em grande parte de ser ou não possível deter a tendência inflacionária. O fato mais importante é que a alta de preços sobreveio "no setor mais rigidamente controlado da economia soviética" de modo geral nos vários ramos da indústria pesada: carvão, metalurgia e construção de máquinas.

Como na economia russa os preços não são estabelecidos pelo mercado e sim pela comissão de planejamento, o elemento mais

importante no preço de um artigo é o seu custo de produção. O preço reflete, portanto, a qualidade do trabalho e maquinismo representado na mercadoria.

O aumento no custo na produção se deve principalmente a um decréscimo de eficiência, em virtude da queda na produtividade por trabalhador, o que acarreta, assim, custos mais elevados. Esse decréscimo pode ser devido ao uso de desgasto do equipamento material ou ao cansaço dos trabalhadores ou, provavelmente, aos dois motivos. Nos casos extremos o custo de produção excedida de mais de 100% o preço planejado. Os "trusts" de propriedade do Estado estão exigindo preços mais altos de outros "trusts", também de propriedade do Estado, em face da pressão do aumento no custo da produção.

A receita russa, tal como foi publicada pelo Economist, é, nas suas linhas básicas, a seguinte:

	1940	1945	1946
Receita	180.2 302	333.4	
Despesa	174.3 298	319.3	
Defesa	56	128	72
Economia nacional	57.1	74.3	102
Serviços sociais	43	62.1	83

As cifras mais elevadas representam um aumento de valores reais, isto é, de uma atividade econômica real? — pergunta o Economist. "Visto que a atividade econômica, em 1946, não pode ter sido maior do que em 1940, o objetivo do atual plano quinquenal é fazer com que a indústria alcance o nível de pre-guerra, o aumento excessivo de despesas e renda, em todos os artigos, comparado com de 1940 devem representar um acréscimo nos valores nominais e não nos valores reais". Por outras palavras, as cifras para 1946, em confronto com as de 1940, podem realmente representar o grau de inflação, no período de seis anos.

A defesa absorve ainda, diretamente, 23% da despesa total. Isso porém não mostra realmente quão agudamente a receita soviética reflete os preparativos de guerra, porque o peso no orçamento da economia nacional é grandemente constituído pela indústria pesada, necessária para armamento. Se a União Soviética tivesse paz, poderia diminuir o ritmo da expansão da indústria pesada e fornecer mais artigos para o povo.

No seu discurso por ocasião do aniversário da Revolução russa, serios e pesados sacrifícios por Zhdanov fez um apelo por "se parte do povo". A abolição do racionamento foi adiada. Prosseguirá o sistema da disposição compulsoria das reservas de trabalho pelo Estado, as quais se encontram em estado de mobilização desde 1939.

Até onde poderá ir o povo russo, em tempo de paz, com um tal programa de sacrifícios? Eis a chave do problema. Se os dirigentes soviéticos conseguirem conservar vivo o recelo de cerco e agressão capitalista, poderão ser bem sucedidos. Mas se as potências ocidentais derem prova tangível de que desejam a paz, e conseguirem com que essa mensagem de paz chegue até o povo russo, de modo a convencê-lo desse desejo, então a paz poderá ser preservada. A liquidação da inflação será, então, obtida graças a uma contribuição vinda de fóra do país.

Um campo de concentração russo na França

Foi publicado, na semana passada, um comunicado do governo francês, rejeitando uma nota russa de protesto contra "dois aspectos da política francesa, em relação às pessoas deslocadas de origem russa, nas zonas de ocupação francesa na Alemanha e na austria. No comunicado, o governo francês, em termos rispidos, rejeita as exigências russas de que sejam "reparitados" os cidadãos russos, declarando que só serão entregues às autoridades russas as pessoas que voluntariamente desejam voltar à Rússia.

Um porta-voz oficial francês, abordando aspectos do assunto, referiu à existência de uma Comissão Russa de Repatriação na França e de um "campo russo" em território francês, onde são mantidos os cidadãos, sob fiscalização de militares russos, aguardando repatriação.

Segundo o depoimento de Ruth Fischer, no seu "Newsletter on Communism", o campo de concentração russo na França está situado na localidade de nome Beauregard, perto de Paris. O campo goza de imunidades diplomáticas, está protegido por uma profunda trincheira, por uma triplice cerca de arame farpado, e tem como comandante o Major General Vikhorev. O segredo do campo, diz Ruth Fischer, finalmente se tornou um escândalo público e abriu caminho para muitas revelações tenebrosas.

O porta-voz tentou justificar a existência do campo de concentração sob a alegação de que ali só se encontram os russos que desejam regressar à Rússia. Mas, logo a seguir, pôs à mostra sua ignorância sobre a ação da N. K. V. D. em território francês, dizendo que o governo desconhece o número exato de pessoas que, atualmente, estão concentradas sob a guarda de "militares russos". E ainda mais: informou que "as declarações sobre o desejo de voltar à Rússia são recebidas por funcionários russos adidos à Comissão que funciona na França".

Esses funcionários nada mais são que agentes da polícia secreta russa, cujos métodos de perseguição empalidecem os de sua discipula: a Gestapo. Logo após a Libertação, a N. K. V. D. instalou o seu quartel geral no coração de Paris, à Rue du General Appert n. 4, sob o nome de Missão Militar

Soviética, com imunidades diplomáticas, para seus edifícios, automóveis e pessoal. Mesmo no começo de 1945, no auge de uma crise de material de construção como a França ainda não conhecera, o edifício da N. K. V. D. foi equipado com material elétrico de alarme e fortificado com cimento. Os intrusos foram desencorajados por portas de aço e outras medidas de segurança comparáveis. Uma passagem subterrânea foi construída até o edifício vizinho, à rua de La Faisanderie, onde se encontra instalada a Legação Comercial Soviética. Recentemente, um terceiro edifício vizinho, o de n. 51, na mesma rua, foi comprado e equipado similarmente. Mais adiante, informa Ruth Fischer, que ninguém sabe quantos quartéis gerais regionais da N. K. V. D. existem espalhados pela França, muitos dos quais foram instalados em antigos castelos medievais.

A ação da N. K. V. D. se exerce, principalmente, sobre os membros do Partido Comunista Francês e sobre os emigrados russos. Desde 1917, a França tem sido um refúgio para os emigrados russos. Eles, desde então, se integraram na vida francesa, casaram-se com francesas; seus filhos são franceses. Mas, por motivo de dificuldades legais, muitos deles nunca obtiveram a cidadania francesa.

A N. K. V. D. infiltrou-se logo no seio dos grupos emigrados e organizou facções pro-soviéticas em suas várias sociedades. Em agosto de 1944, a N. K. V. D. renovou seus velhos contactos e reorganizou a União dos Patriotas Soviéticos, divida segundo as várias nacionalidades soviéticas. A principal ligação com a União está a cargo de um curioso personagem, George Chibanov, que deixou a Rússia em 2 de novembro passado.

Outro fato relatado por Ruth Fischer é o da colaboração entre a N. K. V. D. e a Gestapo, durante a vigência do pacto russo-alemão. O marechal Tito, hoje ditador "democrático" na Iugoslávia, foi um dos beneficiários dessa colaboração, quando a Gestapo permitiu sua passagem pelo território francês, fugindo da Espanha.

Chibanov chefia a ação contra os emigrados. Agentes especiais de repatriação foram instalados em Paris, Lyons, Perpignan, Narbonne, Carcassonne. O

fraco governo francês recebeu a todas as demandas e colaborou com essa polícia totalitária. Dos 100.000 emigrados que não conseguiram a cidadania francesa, 70.000 se negaram a voltar por sua própria vontade, mas foram induzidos a mudar de opinião pela N. K. V. D.

Ruth Fischer conta uma caçada humana, realizada em outubro de 1945 na cidade de Marselha, contra as barracas da French Foreign Legion, composta de russos, poloneses e outros esvalos emigrados. Um incidente similar se deu em Bordeaux, onde a polícia francesa também era dominada pelos comunistas. Todos esses raides foram promovidos pela Missão Militar Soviética e tiveram o beneplácito do governo francês.

A atitude atual do governo Ramadier, em relação às exigências russas, só se pode compreender pelo afastamento dos comunistas do governo. Mas todo um amontoado de crimes já foi cometido pela N. K. V. D. em território francês. Recordamos uma observação que Arthur Koestler fez, quando de sua recente visita à França, transcrita num artigo de Carlos Lacerda — "A terceira coluna": — "o estrangeiro não tem informações sobre esse triste capítulo da história da França (refere-se aos expurgos procedidos e às difamações lançadas pelos comunistas no período confuso que se seguiu à libertação) — assim como não sabe do desaparecimento puro e simples, a razão de um ou dois por semana, de certos emigrados da Rússia ou de países agora sob controle russo". O próprio Carlos Lacerda relata uma experiência: o da retirada forçada, por agentes da polícia secreta russa, de emigrados já embarcados num navio, cujo destino era a América do Sul; todos eles tendo os seus papéis em ordem.

Citamos Ruth Fischer e recordamos essas observações para colorir devidamente, em suas cores sinistras, o caráter desse campo de concentração russo existente em território francês. Em face do exposto, a pergunta que nos vem aos lábios é: resistirá a França a essa terceira coluna apoiada num partido que conta com cinco milhões de eleitores? Não tendo ela resistido em 1940 à quinta coluna, resistirá à terceira?

9-VI-47.

Vanguarda SOCIALISTA

Semanário marxista de interpretação e doutrina
Ano II — 20 de Junho de 1947
— N.º 95 —

Diretor: MARIO PEDROSA.
Secretário: HYL CAR LEITE
Redação e Administração:
Av. Pres. Antonio Carlos, 207 —
3.º andar, grupo 302 sala C
Rio de Janeiro
Assinatura anual Cr\$ 30,00
Numero avulso Cr\$ 5,00
Nos Estados Cr\$ 6,00
Numero atrasado Cr\$ 1,00
OS cheques ou valores postais
devem ser emitidos em nome
de Hylcar Leite.

SUCURSAL EM SAO PAULO
R. do Carmo, 72 sob., tel. 3-9242
Direção: João da Costa Pimenta

Em 15 de março do corrente ano, o Sr. presidente da República enviou à Câmara dos Deputados uma mensagem, dando contas da angustiosa situação do país e, ao mesmo tempo, solicitando as providências julgadas necessárias.

No capítulo referente à política social, na parte que mais de perto interessa aos trabalhadores, assim se manifestou o sr. Eurico Gaspar Dutra:

"Dentre os problemas que se impõem à atenção do governo de ordem social estão a exigir, a mais delida e dedicada consideração, não só por sua própria importância, senão também pelo dissenso com que até sob os seus múltiplos aspectos, até, alguns anos atrás, foram tratados entre nós". E acrescenta: "Situação singular e, talvez, contraditória, verifica-se, de fato, em nosso país; de um lado deparamos com dispositivos constitucionais e de legislação ordinária a outorgar os mais amplos direitos ao indivíduo e à família, assim como a conferir as mais formais garantias ao trabalhador em vários campos de atividade; de outro lado, com as tristes realidades das condições em que se encontra boa parte das populações urbanas e a maioria das populações rurais em relação à efetividade desses direitos e garantias".

Pois bem, por causa dessa situação singular e contraditória é que a corporação gráfica desta capital vem lutando, ininterruptamente, por um aumento de salários que a coloque em condições de atender às suas necessidades mais prementes, e aos encargos de família.

E por esse mesmo motivo, é que em 19 de novembro de 1946, realizou-se uma sessão no Tribunal Regional do Trabalho, a fim de encontrar-se uma fórmula de acordo para solução do dissídio impetrado pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro contra os dois sindicatos patronais: o das empresas jornalísticas e o dos proprietários de papelerias e tipografias. Isso porque na Junta de Conciliação onde teve início o pedido de aumento de salários, os tubarões da indústria gráfica negaram-se a concordar com qualquer majoração nos ordenados.

Entretanto, se mal sucedidos foram os tratamentos gráficos, no julgamento realizado na Junta de Conciliação, por sorte se esperava no Tribunal Regional do Trabalho, onde um dos sindicatos patronais, por intermédio de seu advogado, alegou ser impossível à entidade que representava, conceder qualquer aumento, dentro da tabela pleiteada; e propôs, para conciliação a adoção da tabela a seguir que ficaria condicionada à assiduidade e produção, como norma atualmente de todas as decisões da Justiça do Trabalho, aprovada por sugestão do falecido ministro Ozéas Mota, que em

CLAMOROSA INJUSTIÇA

no julgamento do dissídio dos trabalhadores gráficos desta Capital!!!

vida foi o inimigo n.º 1 dos trabalhadores.

Até 450 cruzeiros	15 %
De 450 a 500	25 %
De 501 a 600	20 %
De 601 a 800	17,5 %
De 801 a 1.000	15 %
De 1.001 a 1.300	12,5 %
De 1.301 a 1.500	10 %
De 1.500 em diante....	5 %

Como o advogado das empresas jornalísticas também alegasse ser impossível qualquer aumento aos empregados das referidas empresas, pois elas não tinham possibilidade de majorar as suas rendas, o presidente do Tribunal Regional do Trabalho disse que, apesar de sentir, pelo pronunciamento das partes a quase impossibilidade de conciliar, ia fazer ainda uma tentativa, adotando um meio termo entre o pedido pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas e o proposto pelo Sindicato das Indústrias Gráficas. Consultava às partes se aceitavam a seguinte tabela: Profissionais, Cr\$ 400,00; Ajudantes, Cr\$ 250,00; Aprendizes, Cr\$ 125,00.

Com a palavra, o presidente do S. T. I. G. R. J. disse ser a contra gosto, dadas as boas intenções do presidente do Tribunal em conciliar, que rejeitava a proposta feita, e isso por não satisfazer a majoração nela especificada às necessidades, do momento, necessidades também sentidas pelo ilustre chefe da Justiça regional do trabalho.

Diante da recusa, o sr. presidente encerrou a fase conciliatória, determinando que o processo passasse à procuradoria do Trabalho, para o necessário parecer, e que as partes apresentassem suas razões por escrito.

Em reunião posterior realizada 48 horas após, o Tribunal Regional do Trabalho resolveu conceder um aumento geral de 30 %, calculado sobre os salários vigentes em 1º de novembro de 1946 e a contar daquela data. Não se deram por satisfeitos os dois sindicatos patronais e recorrem dessa decisão para o Tribunal Superior do Trabalho o qual, no dia 9 do corrente julgo, em definitivo o dissídio coletivo que há quase um ano se arrastava pelas Juntas e Tribunais do Trabalho.

E, como é do conhecimento de todos, a decisão do Tribunal Superior do Trabalho foi contra os interesses e as necessidades dos trabalhadores gráficos, apesar da argumentação irresponsável do advogado dos mesmos, o deputado trabalhista dr. Segadas Viana, que mostrou, com algazarra, a sólida situação financeira das empresas jornalísticas;

estando nas mesmas condições as casas de obras, pois desde novembro do ano passado vêm majorando os seus preços numa base de 50 a 60 %.

Com esses esclarecimentos e por ser de justiça, os trabalhadores esperavam que os srs. ministros do T. S. T. confirmassem o acordo do T. R. T., ou o reformassem para conceder maior aumento, porque os 30 % concedidos já não eram suficientes para enfrentar o alto custo da vida. Mas tal não fizeram. Fingiram ignorar todos esses fatos e, comodamente, com o maior cinismo e sangue frio aprovaram uma tabela de aumento sobre salários inexistentes no momento atual, pois a maioria da corporação gráfica já conseguiu, pacificamente, reajustamentos maiores que os concedidos pelo T. S. T. A decisão da Justiça do Trabalho, com o julgamento de dissídio dos trabalhadores gráficos criou um ambiente de desigualdade e descontentamento que se vai generalizando, à medida que os dias passam e a situação se agrava, sem que haja para onde apelar.

Todos reconhecem que foi uma clamorosa injustiça o que o T. S. T. decidiu no julgamento do dia 9 do corrente.

★ Não se compreende que em junho de 1947, quando o custo da vida subiu a percentagens astronômicas, quando há dificuldades para encontrar feijão preto no mercado, quando o câmbio negro impera absoluto neste país, porque o governo é impotente para frear a ganância dos senhores dos lucros extraordinários, o mais alto tribunal da Justiça do Trabalho se coloque ao lado dos tubarões

da indústria gráfica contra uma categoria de trabalhadores que pela natureza do trabalho que executam é composta, em grande parte, de tuberculosos e pre-tuberculosos e de doentes de moléstias profissionais, adquiridas em oficinas insalubres e anti-higienicas.

★ Os tribunais da Justiça do Trabalho, ditando sentenças contra os trabalhadores gráficos, e negando-lhes aumento de salários para enfrentar as necessidades da vida, sem que primeiro o governo consiga pôr um parafuso definitivo à ganância e à

exploração reinantes, estão contribuindo, criminosamente, para que a tuberculose, que se destaca entre as doenças causadoras de grandes sofrimentos e prejuízos à coletividade, inclusive enormes tributos em vidas, se alastre cada vez mais e em maiores proporções.

★ Em tempos oportuno, tratando de assuntos sindicais, um colaborador deste semanário afirmava que a Justiça do Trabalho era, quase sempre, contra os trabalhadores.

Agora, porém, com o julgamento do dissídio dos trabalhadores gráficos a palavra quase pode ser posta à margem sem receio algum; é desnecessária. Porque a Justiça do Trabalho já não é quase sempre, é sempre contra os trabalhadores, porque algumas reclamações apresentadas pelos mesmos à Justiça do Trabalho, não têm sido atendidas e ainda por cima são condenadas ao pagamento das custas.

SEMANÁRIO MARXISTA — CIRCULA AS SEXTAS-FEIRAS

Vanguarda Socialista

ANO II Sexta-feira, 20 de Junho de 1947 N. 95

A Alemanha e o futuro da Europa

A falência da Estratégia Política Exterior dos Estados Unidos

II

Por HEINRICH LEDER (Para "VANGUARDA SOCIALISTA")

Hoje, os conquistadores russos estão aplicando em relação à Alemanha novos métodos, que, embora por vezes emperrados, em linhas gerais não deixam de produzir resultados.

Essa mudança de métodos se deve a uma terrível crise interna na Rússia — fome, fome pelos artigos que a Alemanha tem de fornecer a título de reparações — e, talvez ainda mais à estratégia do imperialismo russo. A política expansionista deste entrará cada vez mais em conflito com a posição mundial dos Estados Unidos, e tem forçosamente de se opor à política norte-americana de desindustrialização e à divisão em duas zonas, a ocidental e a oriental. Com sua política, os Estados Unidos visam à próxima retirada das forças russas de ocupação que se encontram na Austria, a fim de livrar a Hungria e a Checoslováquia da pressão das forças militares russas. Assim também a Rússia procura provocar a próxima retirada das forças americanas da Alemanha, a fim de livrar o ocidente europeu da influência militar estadunidense.

O regime russo poderá reforçar-se grandemente em relação aos Estados Unidos se tiver assegurado um constante fluxo, proveniente da Alemanha, dos recursos industriais de que tem necessidade urgente. Para obter os da América, seria preciso pagar em dólares, ou na melhor hipótese obter em troca de "bom comportamento" para com os interesses americanos em todo o mundo. Da Alemanha, porém, os produtos industriais podem vir de graça, na forma de "reparação". É improdutivo seguir-se o conselho americano ou dar cumprimento ao acordo de Potsdam, isto é, transferir todo o parque industrial alemão para outros países, mesmo no caso de se incluir nessa transferência técnicos e trabalhadores escravos alemães. Por outro lado, os governantes russos podem crer que conseguirão por baixo preço a colaboração de muitos alemães, em vista das desesperadoras condições internas do país. Por isso, os políticos russos condenam qualquer "moderação" das potências ocidentais no modo de tratar os alemães, como um oportunismo visando a conciliar os nazistas. Ao mesmo tempo, estão ansiosos por obter a cooperação do maior número de alemães, especialmente de técnicos e operários qualificados, como também das massas desclassificadas que poderão constituir uma fonte de recrutamento bom e barato para as forças mercenárias — sob estandartes alemães, e tendo alemães por condutores.

Em vista da política russa, tornar-se-á difícil e cada vez mais custoso para os Estados Unidos formarem o seu bloco ocidental qualquer esfera de influência. O imperialismo russo não se pode arriscar a uma política expansionista sem apoio externo. A

fraqueza relativa do Estado Russo, comparada à formidável potência industrial e financeira dos Estados Unidos, impossibilita a este de desencadear um conflito com o militarismo americano a não ser que a indústria alemã esteja a serviço da Rússia. Além disso, é preciso impedir que os Estados Unidos defendam uma primeira linha de defesa no continente europeu em caso de guerra.

Assim, Staline é hoje partidário de um nível industrial duas e meia ou três vezes mais elevado que o de Potsdam. É pela re-geração do Estado Alemão, embora o leste da Alemanha deva permanecer sob o domínio polonês. Mas uma campanha de boatos espalhados por agentes comunistas ou russos visa convencer os alemães de que uma nova Alemanha favorável à Rússia é mais importante para a política exterior russa do que a Polónia, e que a Rússia forçará a Polónia a devolver à Alemanha a maior parte dos territórios anexados, se esta cooperar com Moscou. Mesmo no caso de um novo governo central alemão não estar sob controle direto do Partido Comunista, é de esperar que um novo governo alemão fosse mais pró-russo do que pro-americano e se opusesse a uma política tendente a transformar a Alemanha na fronteira oriental de um bloco ocidental.

Alguns representantes alemães e ingleses na Alemanha não desfarçaram a sua satisfação pelos acontecimentos que se verificaram imediatamente depois da guerra nas zonas de ocupação russa — estupros em massa, pilhagens espontâneas ou organizadas, e mais tarde os saques organizados em grande escala, com a remoção de fábricas, etc. Contudo, recentemente um correspondente britânico: "Foi bom para nós que os russos fossem tão bárbaros quando conquistaram a Alemanha e que o governo russo saqueasse a terra conquistada. Graças a esta circunstância, podemos ter a certeza de que os alemães ficarão sempre contra o regime russo, e portanto a favor das potências ocidentais, a despeito das péssimas condições em que se acha o oeste da Alemanha."

Muitos defensores da política de ocupação aliada, e até mesmo esquerdistas, pensam que podem ser complacentes no tocante aos atos das potências ocidentais na Alemanha, porque não têm em conta o povo alemão ou porque estão convencidos de que este será imutavelmente anti-russo.

Não podemos em dúvida o fato de que a maioria dos alemães têm melhor conhecimento da essência do regime russo do que muita gente do ocidente europeu ou da América. Conhecem o regime totalitário pela experiência concreta, e são capazes de reconhecer um regime totalitário mesmo sob uma bandeira diferente e com outras palavras de ordem partidárias. Além disso, não se pode negar que o nível

cultura médico é muito mais baixo na Rússia do que na Europa Central ou Ocidental. Essa diferença pode desaparecer em pouco tempo se os progressos técnicos e sociais forem utilizados no sentido de criar uma civilização mais alta, ou se a Alemanha se tornar uma região permanentemente pauperizada. Mas quando os exércitos russos entraram na Alemanha, essa diferença ainda existia.

Um experimento sindicalista berlinense contou recentemente um incidente muito característico do que ocorre hoje nas ruas de Berlim.

"O povo de Berlim" diz: "atravessou dias terríveis sob a ocupação alemã. Mas as violações de mulheres, a pilhagem, a remoção de fábricas, etc., não deixaram entre os operários berlinenses impressão tão profunda quanto as condições de vida impostas aos soldados russos. Na rua em que eu morava, observei certo dia o seguinte: Deu-se uma colisão entre um automóvel guiado por oficiais russos e um caminhão conduzido por soldados russos, de que resultou sair o automóvel ligeiramente danificado. Um dos oficiais arrancou de seu lugar o soldado que ia no volante do caminhão e espancou-o até deixá-lo deitado inconsciente no chão. Pisou-o então, e finalmente empurrou para a sarjeta o corpo inerte, voltando para o carro e partindo. Cenas como esta não são raras, e são o assunto comum das conversas do povo de Berlim."

Os operários alemães chegam a sentir por vezes uma certa solidariedade para com os soldados russos, vendo que ambos são vítimas da mesma tirania. As vezes, ouve-se um soldado russo dizer: "Hitler é mau, Churchill é mau, Staline é mau."

Essas circunstâncias, embora não sejam de molde a determinar o curso dos acontecimentos no futuro próximo, são importantes, porque o despotismo russo permite que esse regime seja mais flexível e cínico na sua propaganda e nas reviravoltas políticas do que o das potências ocidentais. A propaganda russa não se pautará pelas normas tradicionais do comunismo revolucionário. As palavras de ordem comunistas poderão variar, e dirigir-se especialmente àqueles que estão socialmente desorientados e desesperados. As massas desclassificadas, que perderam sua antiga posição no seio do proletariado, as classes médias e mesmo alguns elementos das antigas classes altas, estão completamente desiludidos de tudo que seja idealismo ou progresso social. É frequente, entre esses elementos, um espírito de cinismo e a réplica pelas belas frases das potências ocidentais sobre "democracia" e liberalismo. Essas potências, destruindo a sua antiga base econômica, condenaram-nos à mais funda decadência social e à degenerescência. Essas massas desclassifica-

das nada têm a perder e muito que ganhar, com um conflito contra o ocidente. Conhecem os pausinhos do regime totalitário, e podem facilmente querer tê-los no momento de uma nova distribuição de tarefas e posições. Serão uma fácil conquista para as organizações totalitárias, e não de dar boa acolhida às promessas do totalitarismo russo. A atual "mudança de orientação" há de ser animadora para essa gente, porque quase todos os alemães, que anseiam reconquistar a independência, ficarão melhor impressionados pelas promessas russas de restauração da Alemanha como nação unida e livre, do que pelo

plano Dulles ou outros projetos das potências ocidentais, que visam a conservar a Alemanha permanentemente repartida.

A acolhida às palavras de ordem russas pelos alemães — aos quais elas se dirigem como indivíduos e como elementos de uma nação que perdeu por algum tempo a sua soberania — é muito mais importante para o futuro da Europa do que as mudanças na política anglo-americana. Isto, porque o fato de haver forças russas dentro da Alemanha e de dispor-se os russos de melhores meios de propaganda e organização que as potências ocidentais, dificultará muito as tarefas de ocupação e administração para estas. Quanto mais elas se demorem, mais dispendiosa se tornará a empreitada da ocupação, e mais difícil lhes será uma retirada desse novo ponto nevrálgico sem deixar atrás de si populações imbuídas de ódio contra as potências ocidentais.

Os Estados Unidos e a Inglaterra perderão a Alemanha se persistirem na política atual. Continua na pág. 2

REVIVE A INTERNACIONAL SOCIALISTA

A Conferência Internacional Socialista aprovou por unanimidade nomear uma comissão para estudar a conveniência de restabelecer a Internacional Socialista.

A Comissão será presidida por um delegado da França e se encarregará de examinar os meios e possibilidades de reorganizar a federação criada em 1899, que se delibitou com a primeira grande guerra e depois de se formar a internacional comunista.

UM INSULTO A DEMOCRACIA

A Federação Socialista do Sena protestou contra a informação de que a Senhora Eva Duarte de Perón, esposa do Presidente da Argentina, seria recebida oficialmente durante sua projetada visita a esta capital, segundo informa "Le Populaire".

Segundo esse jornal, a Federação Socialista do Sena teria declarado que tal recepção constituiria "um insulto aos socialistas e republicanos argentinos e espanhóis que tão heroicamente lutaram em prol da liberdade".

Mais uma "sujeira" do Imposto Sindical

Informa-se nos meios sindicais que a Comissão do Imposto Sindical resolveu conceder um empréstimo de 150 mil cruzeiros à Confederação dos Empregados no Comércio, cujo presidente é o Calixto Ribeiro Duarte, que

A Confederação dos Trabalhadores Chilenos acusa o Partido Comunista

O grupo socialista da Confederação dos Trabalhadores Chilenos emitiu uma declaração na qual responsabiliza o Partido Comunista pelos acontecimentos verificados recentemente em Santiago.

A declaração diz que "todo cidadão consciente, sem exceções, deve condenar, enérgicamente, este partido, — comunista, — que está impondo, métodos de idiosincrasia e dignidade que o povo chileno sempre repudiou e repudiou hoje com altivez e consciência".

Declara ainda o documento: "Ataquemos o totalitarismo hoje, porque amanhã poderá ser tarde".

Preso por prever uma próxima crise de trigo

Foi preso, em Lisboa, um negociante, Antonio Alvares Pires, por estar difundindo notícias alarmantes.

A polícia o deteve por afirmar que uma crise de trigo se faria sentir este ano.

costuma oferecer banquetes a seus apaniguados gastando milhares e milhares de cruzeiros.

O mais interessante e que Calixto Ribeiro Duarte, presidente da Confederação beneficiada, é também membro da Comissão do Imposto Sindical, de modo que é bem aceitável a hipótese de que houve "marmelada" nesse empréstimo.

O que o torna mais estranho é que a Confederação recebe uma cota do imposto sindical recolhido pelos sindicatos de comerciantes de todo o país, e ao que saiba nada faz que justifique a necessidade desse empréstimo. De fato, a Confederação não passa de um amontoado de burocratas sindicais, que recebem ali bons salários e que fazem da Confederação trampolim para boas sinecuras nos institutos.

Torna-se mais do que nunca necessário um inquerito na Comissão do Imposto Sindical, que sustenta muita "marmelada" bem suja. Outro inquerito bem rigoroso deve ser precedido na Confederação Nacional dos Empregados no Comércio, porque se afirma, nos próprios credores do Ministério do Trabalho, que os seus fundos foram desviados para o custeio de propaganda eleitoral.

Certamente, o Calixto, defendendo-se vai repetir a história do Colegio Felisberto de Menezes, que educa gratuitamente alguns filhos de comerciantes, quando não passa também de uma casa de comércio, com todos os defeitos dos demais estabelecimentos particulares.